

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

12

Actas do Colóquio Internacional
ORIENTALISMO ONTEM E HOJE

東方學國際研討會論文集
東方學：過去與現在

A ASSIRIOLOGIA NO SÉCULO XIX

Por ANTÓNIO RAMOS DOS SANTOS

*Professor da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa (Instituto Oriental)*

As descobertas dos sítios arqueológicos na Mesopotâmia suscitaram uma paixão pelo orientalismo relativo ao Próximo-Oriente. Apesar dos erros metodológicos verificados nas escavações da época, elas ajudaram a colocar à luz do dia os espólios monumentais das antigas civilizações suméria e semita. O entusiasmo e o interesse pelo conhecimento da escrita de alguns viajantes, diplomatas e militares conduziu rapidamente ao desenvolvimento do saber filológico.

Indivíduos particulares como K. Niebuhr, G. Grotefend e H. Rawlinson e associações como a Royal Asiatic Society de Londres contribuíram definitivamente para o nascimento da assiriologia, para a divulgação das façanhas dos grandes personagens históricos como Hammurabi de Babilónia ou do rei assírio Sargão e das realizações e legados dos vários povos que habitaram a região: Sumérios, Acádios, Amoritas e Caldeus, entre muitos outros.

Hoje, quando lemos as obras de síntese e as publicações de fontes históricas diversas traduzidas para as línguas modernas estamos longe de pensar como foram os primórdios da descoberta das civilizações que lhe estão na base.

A sua história mistura-se com o espírito aventureiro de viajantes, de arqueólogos de circunstância, e de filólogos amadores.

Até aos finais do século XVIII a história do Próximo Oriente antigo suscitara verdadeiros estudos sistemáticos. Até então, esta era conhecida, apenas, através de alguns autores gregos e latinos, e sobretudo pela Bíblia, que já havia sido submetida a um intenso trabalho de

crítica textual. Estes testemunhos não eram de modo algum desprezíveis, mas nada podia fazer suspeitar que eram somente fragmentos de um conjunto mais amplo. A partir de 1760, um certo número de viajantes, como K. Niebuhr, A. Michaux e J. de Beauchamp, visitaram lugares da antiguidade, entre eles Nínive, Babilónia e Persépolis, e das suas peregrinações trouxeram alguns monumentos epigráficos e cópias de inscrições. As que K. Niebuhr tirou de Persépolis, em 1780, permitiram que G. Grotefend pudesse começar o estudo destas escritas que se denominam cuneiformes⁽¹⁾.

Desde logo, o trabalho arqueológico trouxe à luz do dia cidades, monumentos aos deuses e aos reis e milhares de tabuinhas que nos relatavam dos feitos mais grandiosos aos dados acerca da vida quotidiana destes povos⁽²⁾. Enriqueciam-se os principais museus da Europa com os tesouros provenientes da Mesopotâmia, do Egipto, e de outras regiões orientais.

As descobertas dos lugares arqueológicos

Antes de algum reconhecimento oficial das novas disciplinas referentes ao orientalismo, houve necessidade de uma exploração sistemática dos lugares com vestígios arqueológicos⁽³⁾. Até 1840, os viajantes contentaram-se quase sempre em examinar a superfície dos *tell* (colinas artificiais formadas pela acumulação das ruínas antigas), recolhendo objectos que afloravam à superfície do solo e descreverem o aspecto geral das ruínas. Sem dúvida, que deste modo efectuou-se uma tarefa útil à base de exames topográficos e arquitectónicos⁽⁴⁾.

Os progressos para decifrar estas escrituras suscitaram a partida de numerosas missões para a região do actual Iraque encarregues de efectuar pesquisas profundas. O período de 1842 a 1855 foi a época das grandes «revelações»: Escavações de Nínive (Quyundjik), primeiramente, dirigidas por P. E. Botta e nas quais V. Place resgatou o palácio de Sargão II em Dûr-Sharrukîn (Khorsabad) e que continuaram com A. H. Layard, H. Rassam, e depois W. K. Loftus; no mesmo lugar, os ingleses descobriram os grandes baixos-relevos e a biblioteca do célebre rei assírio, Assurbanípal, rica em vários milhares de tabuinhas; antes de tomar a direcção dos trabalhos em Quyundjik, Loftus explorou Warka, a antiga Uruk, no sul mesopotâmico (a antiga Suméria), depois o sítio vizinho de Senkeré que identificou como Larsa; J. E. Taylor encontrou em Muqqayar a localização da antiga cidade de Ur, e em Abu-Sharein a de Eridu, para citarmos os que mais se destacaram.

A actividade foi tão intensa que se achou necessário moderar os esforços para assimilar o já adquirido, mas foram os textos desenterrados os que suscitaram espanto. Em 1877, E. de Sarzec descobriu em Tello monumentos de um estilo desconhecido e inscrições redigidas numa língua que não podia ser explicada nem pelo indo-europeu nem pelo semítico. J. Oppert demonstrou, vitoriosamente, contra a opinião de J. Halévy, que era preciso atribuí-los àqueles sumérios cujo nome aparecia em alguns textos babilónicos. Até finais do século, as escavações de Susa permitiram que F. Weissbach e P. V. Scheil pudessem estabelecer os princípios da língua elamita que tinha resistido a todos os esforços de decifração e que, por outro lado, continuava a ser pouco conhecida nessa época.

No começo do século XIX, as explorações tomaram um carácter mais sistemático. Através dos seus relatos detalhados e das ilustrações que traziam, os ingleses C. J. Rich, J. S. Buckingham e R. Ker Porter suscitaram na Europa um grande movimento de interesse pela Antiguidade do Próximo-Oriente. A partir de 1820, uma dúzia de viajantes, na sua maioria britânicos, abrem as pistas da Mesopotâmia afastando-se cada vez mais dos trilhos habituais. É o caso da expedição de F.-R. Chesney, que seguiu de barco o curso do Eufrates em 1836, relatando uma abundante documentação topográfica; e de Coste e Flandin, que conduzem, em 1840 e 1841, ao levantamento dos principais monumentos da Pérsia e da Mesopotâmia.

Em 1842, Paul-Emile Botta abria o primeiro estaleiro em Quyunjik, a antiga Nínive⁽⁵⁾. As pesquisas verificam-se infrutuosas, mas um habitante da região ensinou-lhe que em Khorsabad, a 16 km a nordeste de Mossul, ele poderia satisfazer facilmente a sua curiosidade. Botta mostrou-se, de início, céptico, acabou por se deixar convencer e, desde os primeiros golpes de picareta, ele colocou à luz do dia os muros decorados com baixos-relevos. A descoberta fez sensação e o governo francês concedeu os créditos necessários ao prosseguimento dos trabalhos. O sucesso do empreendimento foi tão considerável que iludiu Botta. Persuadido de ter resgatado inteiramente o «palácio» que ele descobrira, fechou o estaleiro em 1844, após ter enviado para o Louvre as esculturas exumadas. De facto, ele apenas escavara o ângulo norte-oeste de um conjunto arquitectónico bastante mais vasto, mas um resultado considerável não se fez esperar: a revelação da civilização assíria. Imediatamente, outras equipas de escavadores tomaram o caminho de Mossul.

Por outro lado, a chegada de Austen Henry Layard a Nimrud, em 1845, abriu um período de actividade arqueológica igualmente intensa mas involta de reivindicações nacionalistas. Era o começo das grandes

expansões coloniais onde os franceses e os Ingleses se degladiavam em duras competições. A arqueologia foi também ocasião para rivalidades das quais hoje não se pode ler a narrativa sem nos irritarmos. Vimos mesmo, em 1853, um francês, Victor Place, e Hormuzd Rassam, um autóctone trabalhando por conta dos ingleses, a escavar ao mesmo tempo o sítio de Quyuudjik. Foi a época de um pequeno ditador assiriológico, Place deveria finalmente evacuar os lugares. As suas cóleras frequentemente mesquinhas não teriam grande importância, se elas não tivessem agravado a devastação dos *tells*. Mas não devemos abusar na crítica a estes exploradores, pois os lugares arqueológicos foram devastados de todas as maneiras. Ninguém na época se podia vangloriar de um método de escavação científico. Se Rassam passou a medida, os outros escavadores não se preocupavam muito com a estratigrafia. Eles procuravam objectos contentando-se, para esse efeito, em cavar túneis ao pé dos muros sem decapar sistematicamente os estratos superiores.

Apenas a experiência podia fazê-los aprender a distinguir os níveis correspondentes às fases sucessivas de ocupação dos sítios, distinção que tem uma importância capital do ponto de vista histórico, mesmo se certas camadas se revelavam estéreis. Uma tal esterilidade nunca é negligenciável; ela pode ser um elemento da datação precioso. Aprendeu-se igualmente a prestar atenção aos fragmentos de cerâmica nos quais os estilos apareciam frequentemente sobre vastas áreas geográficas e permitiam estabelecer uma estratigrafia comparada dessas regiões. É através de tais levantamentos que se pode hoje escrever a história das épocas arcaicas. Mas, nesta metade do século XIX, ainda aí não tínhamos chegado. Os escavadores não cuidavam de vasos partidos. Eles queriam enriquecer os museus dos seus respectivos países através de monumentos de uma certa amplitude e tomaram frequentemente os meios mais expeditos para alcançar os seus fins.

O infortúnio quis que eles fossem seduzidos pelos sítios mais importantes, dos quais sectores, por vezes amplos, foram dessa forma perdidos para nós⁽⁶⁾.

É preciso levar em conta também os perigos a que as expedições estavam expostas nestas regiões isoladas do Império Otomano, onde a anarquia reinava em estado endémico. Através de várias acções de saque, os indígenas apoderavam-se dos comboios de carros que transportavam antiguidades. Em 1855, em Korma, foi um desastre: as jangadas que transportavam os monumentos exumados pela missão Place foram atacados e os espólios caíram à água. De 235 caixas, somente 26 chegaram ao seu destino; o resto precipitou-se no rio Tigre.

Apesar destes dissabores e a despeito de métodos de escavação deficientes, resultados consideráveis tinham sido alcançados⁽⁷⁾. No conjunto, exceção feita ao desastre sofrido pelos franceses em Korma, o rendimento das escavações ultrapassou todas as esperanças, a tal ponto que os investigadores sentiram a necessidade de abrandarem a pesquisa para assimilar as suas descobertas.

A partir de 1855, a actividade abrandava no Oriente, enquanto na Europa os assiriólogos debruçavam-se sobre os textos. Foi durante esses anos de estudos e de reflexão que George Smith descobriu um fragmento da narrativa ninivita do Dilúvio que apresentava analogias consideráveis com a versão bíblica do *Génesis*. A emoção provocada pela comunicação que ele fez a esses respeito em 1872 foi tal que ele pôde obter o crédito necessário a novas expedições. Smith cumpriu a missão com sucesso, mas morreu prematuramente em 1876. H. Rassam quis então suceder-lhe e infelizmente conseguiu. Durante vinte anos, ele passeou a sua pressa desordenada por uma quinzena de sítios.

Quando, em 1877, o vice-cônsul de França em Baçorá, Etienne de Sarzec, fazia em Tello, perto de Shatte el-Haï, uma descoberta considerável. Ele tinha exumado um certo número de estátuas cujo estilo deferia consideravelmente do dos monumentos assírios, e tabuinhas cuja grafia e a língua não eram visivelmente assírios. Ora, precisamente, a arte e os documentos assírios colocavam problemas de filiação que suscitavam, então, polémicas apaixonadas. Elas representavam segundo toda probabilidade o termo de uma evolução da qual ignorávamos os antecedentes; a escrita assíria, em particular, com o seu sistema complexo de ideogramas, parecia responder às exigências de uma língua não semítica. Eram as populações que falavam esse idioma desconhecido, afirmava Jules Oppert em 1873, que deveriam ter inventado a escrita cuneiforme, os Semitas tinham simplesmente adoptado o seu procedimento gráfico adaptando-o às suas próprias necessidades. Como os antigos soberanos de Babilónia se intitulavam «reis de Sumer e Akkad», ele propunha ver nos Sumérios os inventores da escrita, e nos Acádios os seus herdeiros semitas.

J. Halévy opôs-se imediatamente a essas opiniões. Para ele, os Semitas eram os inventores da escrita. A pretensa linguagem suméria não era senão um sistema ideológico de escrita inventado pelos Assírios paralelamente ao seu sistema fonético. A controvérsia atingia a máxima plenitude quando E. de Sarzec descobriu os textos de Tello.

Concebemos facilmente o interesse que Jules Oppert poderia testemunhar dessa missão. Pela primeira vez, as escavações forneci-

am testemunhos directos desses Sumérios dos quais ele pressentia o papel. De um golpe as posições de Halévy tornavam-se insustentáveis. Este tinha alterado o seu pensamento, substituir uma teoria de alografia⁽⁸⁾, pela da ideofonia⁽⁹⁾, mas nada poderia prevalecer contra as evidências de Tello. As estátuas de Gudea e os monumentos dos primeiros soberanos, Ur-Nanshe, Eannatum, Entemena, Urukaguina, a Estela dos Abutres atestavam a existência de uma língua não semítica e de uma escrita quase pictográfica, da qual os cuneiformes assírios eram manifestamente derivados.

À morte de Etienne de Sarzec, em 1901, após onze campanhas de escavações, as perspectivas históricas estavam extraordinariamente modificadas⁽¹⁰⁾.

A decifração da escrita

Carsten Niebuhr (1733-1815) era geógrafo embora não se encerrasse nos limites da sua especialidade. Os seus acompanhantes eram Von Haven, filólogo; Forskål, naturalista; Cramer, o médico da expedição e o debutante Baurenfeind. A expedição zarpuu, num vaso de guerra dinamarquês, em Janeiro de 1761, e chegou ao seu ponto principal de destino, o lémene árabe, em Dezembro de 1762, ao cabo de dois anos. No decurso dos anos seguintes morreram todos os membros da expedição, menos Niebuhr. É singular o modo como informa acerca destes eventos na sua *Descrição da viagem à Arábia e a outros países vizinhos* (Copenhaga, 1774-1778).

O livro de Niebuhr oferece mais do que a cópia de uma inscrição. Separou cada um dos signos. Inferiu correctamente que devia tratar-se de uma escrita de letras, ou seja, uma espécie de alfabeto, porque os signos eram muito poucos para que pudessem representar uma escrita silábica. E finalmente, reconheceu – e isto é o mais assombroso – que as inscrições de Persépolis estavam redigidas em três sistemas diferentes de escrita. A ciência denominou posteriormente estes sistemas de antigo persa I, elamita II e babilónico III. Além disso realizou, ainda, importantes comprovações de geografia antiga.

Depois dos dados facilitados por Niebuhr, corria o ano de 1780, o mundo da ciência experimentou uma grande agitação, e a escrita cuneiforme foi objecto contínuo de novas investigações. Com efeito, o orientalista Olav Gerhard Tychen, de Rostock, logrou o descobrimento de resultados que pareciam insignificantes, mas que eram altamente importantes: num sinal oblíquo reconheceu que se tratava de um signo de «separação» de palavras, tal descoberta introduzia uma ordem

lógica naqueles caracteres sem fim. Mais tarde supôs correctamente que nos três sistemas de escrita se encontravam também três línguas distintas.

Em 1802 o dinamarquês Friedrich Münter atreveu-se a avançar um pouco mais quando, baseando-se em considerações históricas, afirmou que as inscrições de Persépolis eram da época dos aqueménidas, os grandes reis persas da época compreendida entre os anos 500 e 300 a. C., e que as inscrições nas três línguas tinham o mesmo conteúdo. Se passarmos à questão da dita decifração, convém observar que aqui temos apenas tratado as hipóteses «correctas» dos percursores, e não as erradas que foram muito mais numerosas.

Grotefend foi o verdadeiro descobridor, que logo que pôs mãos à obra teve de enfrentar inúmeras hipóteses, e a sua primeira tarefa consistiu em separar, de maneira adequada, o fantástico do verdadeiro, conseguindo-o.

Durante um passeio com o seu amigo Fiorillo, secretário da biblioteca Real de Göttingen, comprometeu-se a decifrar os textos cuneiformes de Persépolis, que nos últimos tempos eram cada vez mais discutidos. Grotefend (1775-1853) contava 27 anos de idade, e era um professor desconhecido por completo até então, e, além disso, nada familiarizado com o assunto a que, por motivo da sua aposta com Fiorillo, iria dedicar os seus esforços: as línguas orientais antigas. Este homem, com uma inspiração genial, levou a cabo um dos mais espantosos trabalhos do engenho humano. Chegara à carreira docente da maneira mais burguesa sem ser famoso ou demonstrar o impulso para realizar uma acção intelectual de categoria. Grotefend possuía apenas um saber especializado muito limitado, tinha muito poucos dados à sua disposição – que não sabia serem exactos – e também nenhum texto bilingue.

Mas Grotefend decifrou a escrita cuneiforme de Persépolis. Escreveu os seus resultados em três relações que imediatamente, já que o tema era actual, foram lidas perante a *Gesellschaft der Wissenschaften* de Göttingen, do dia 4 de Setembro a 2 de Outubro e em 13 de Novembro de 1802. Mas não pelo próprio Grotefend porque como podia um obscuro professor de instituto, de 27 anos de idade, pronunciar uma conferência perante a sociedade científica mais ilustre de então?

Mas teve a honra de ser o já mencionado professor Tychsen quem lhe lera as suas comunicações. Foi também Tychsen quem, nos *Göttinger Gelehrten Anzeigen*, deu, a 18 de Setembro de 1802, a primeira notícia acerca da descoberta realizada por Grotefend.

Sem dúvida, até ao ano de 1855 não foi exposta a tentativa de decifração de Grotefend, não obstante ser noticiada no Apêndice do

livro de Heerens, *Ideias acerca da política, o comércio e as comunicações dos povos mais importantes do mundo antigo*, a pedido deste autor.

E assim ocorreu o que apenas parecia credível, que por falta de uma publicidade adequada, a genial decifração de Grotefend caiu no esquecimento e mais de dez anos depois foi decifrada de novo a escrita cuneiforme de Persépolis.

Quanto aos passos dados no seu trabalho, o primeiro fora o seguinte: ele estudou os textos de que dispunha e seleccionou as hipóteses formuladas até então. Admitiu a opinião de se tratarem de três sistemas de escrita, que tinham o mesmo conteúdo, a inscrição tinha de atribuir-se aos Aqueménidas e que a marcação inclinada que aparecia era apenas um símbolo de separação de palavras. No segundo passo decidiu decifrar a escrita I, o antigo persa, porque devido ao estudo da língua sânscrita, era mais fácil orientar-se através desta língua indo-germânica. O lugar onde foi descoberta a escrita e o carácter da mesma, levaram-no a inferir que se tratavam de inscrições reais, ou seja, que nelas se haveriam de enumerar os antigos reis persas. Os reis aqueménidas eram em parte conhecidos através dos escritos de Heródoto. Supôs hipoteticamente que as inscrições começavam na mesma maneira que no persa moderno, língua conhecida, com a enumeração da sucessão dinástica. Como, por exemplo: «Grande Rei, Rei dos Reis, Reis de A e B, filho de Y, Grande Rei, Rei dos Reis...». No terceiro passo inventariou os grupos de signos que logo utilizou, e com os quais achou exactamente as repetições que segundo a sua hipótese, haveriam de significar cada vez «Rei» viu-se obrigado a formar novos grupos, como os seguintes: «Rei X, Filho de Z. Rei Y, Filho de X» e com ele teve um sucessão dinástica, de momento puramente hipotética, na qual eram reis o pai e o filho, mas não o avô! Logo tomou os nomes dos reis conhecidos e tratou de adaptá-los, pelo que teve de descartar imediatamente alguns, porque o número das suas letras era demasiado grande ou demasiado pequeno. O que concordava com os dados conhecidos porque o pai de Dario, Histaspes, não foi rei. No quarto passo, a maior dificuldade consistiu então em dar a forma persa antiga aos nomes de reis que em Heródoto se encontravam escritos apenas em grego, para tal não existiam muitas possibilidades. Grotefend demonstrou possuir um instinto assombroso, pois se bem que, segundo sabemos actualmente, cometeu muitos erros, alcançou, sem dúvida, numerosas correspondências correctas. Interpretou acertadamente um grande número de letras, e com isso assentou a base para a decifração da escrita cuneiforme⁽¹¹⁾.

Constatamos que Grotefend decifrou apenas a forma persa antiga das inscrições cuneiformes de Persépolis. A decifração das inscrições babilónicas e elamitas, ou seja, as formas de escrita cuneiformes muito mais antigas, estava reservada aos especialistas, aos filólogos.

Sem dúvida, o rasgo de génio de Grotefend não poderá esquecer-se, ainda que tenha constituído um dos caprichos incompreensíveis da historiografia visto que Jean-François Champollion alcançou fama internacional, enquanto que Grotefend não conseguiu qualquer popularidade.

Por seu turno, Henry Creswicke Rawlinson (1810-1895) na época em que era tenente na Índia, em 1832, quando com os seus companheiros da campanha de granadeiros, passava momentos nos exercícios desportivos da carreira de salto, do lançamento do disco, jogando o bilhar, ténis, praticando a tiro aos pombos, assistindo às corridas de cavalos, jogando o xadrez e às cartas. Mas, para além disto, dedicava o seu tempo a muitas outras actividades.

Na sua viagem à Índia (que durava há quatro meses), o cadete de 17 anos de idade conheceu o governador de Bombaim, Sir John Malcolm, que não só era militar, mas também um importante orientalista e linguísta.

Quando, em 1835, Rawlinson foi enviado à Pérsia numa missão puramente militar, encontrou a sua verdadeira missão perante a rocha de Behistun. Não pode comprovar-se se quando copiou a inscrição de Dario, não sabia realmente nada do trabalho previamente realizado por Grotefend. Mas tão pouco importa sabê-lo, porque muito rapidamente superou as leituras feitas por Grotefend. Possuía a vantagem de ver as coisas com os seus próprios olhos – Grotefend apenas pôde dispor de cópias e nunca boas – e o modo como soube aproveitar esta vantagem. Depois de ter interrompido o seu trabalho durante 8 anos, por causa dos seus deveres militares, não o podendo retomar até 1843-1844, quando foi nomeado cônsul britânico em Bagdad, revela-o a cópia que fez da inscrição de Behistun, da qual, também, realizou um esboço da sua vista de conjunto.

Estas inscrições, publicadas e traduzidas na sua *The Late Persian Cuneiform Inscriptions at Behistun* (1846) granjearam-lhe, com razão, o ditado de «Pai da Assiriologia»⁽¹²⁾.

O sábio que tinha começado por ser soldado converteu-se em político. Foi embaixador e assumiu elevadas funções no Council of India. Mas jamais perdeu a paixão que sentia por decifrar os mistérios da escrita cuneiforme. E realmente neste campo havia ainda extraordinários problemas que esperavam ser resolvidos. Assim, Rawlinson traduziu uma das inscrições menores de Behistun⁽¹³⁾.

Enquanto este se encontrava ocupado em reorganizar o exército do Xá da Pérsia, ou então mais tarde, levava uma vida plena de perigos como agente político no Afeganistão e na Arábia turca, sem se esquecer da sua afeição predilecta, que era a escrita cuneiforme. Existiam já outros sábios que dedicavam os seus esforços aos escritos ainda não decifrados. Estes trabalhos, na sua maioria esotéricos, ligavam-se aos nomes de Burnouf, Lassen, Hincks, Oppert, Norris e Löwenstern.

Deles resultou algo bastante confuso. É impossível apresentar, mesmo nas suas linhas gerais, o trabalho infinito e minucioso que, finalmente, permitiu a leitura cabal dos escritos cuneiformes babilónicos e assírios.

Apenas podemos limitarmo-nos a esclarecer o problema citando algumas passagens dos mencionados autores. Em 1850 escrevia Rawlinson com resignação: «Tenho de confessar com franqueza que, depois de dominar cada signo babilónico e cada palavra assíria, para o que encontrei algum ponto de apoio nas inscrições trilingues, ou fosse por comprovação directa, ou por meio de chave, senti-me mais de uma vez tentado a abandonar o estudo para sempre, ao esforçar-me em aplicar a chave assim obtida à interpretação das inscrições assírias, porque desesperava totalmente de atingir qualquer resultado satisfatório»⁽¹⁴⁾.

Também, em 1850, o sábio irlandês Edward Hincks dizia que na escrita cuneiforme babilónica «não existe um único signo que represente uma única consoante, sendo mais provável que os signos representam uma consoante precedida ou seguida de uma vogal»⁽¹⁵⁾. Esta falta de clareza destacou Rawlinson uma vez mais com decisão ao afirmar: «pode demonstrar-se, sem deixar lugar a dúvidas, que uma parte bastante grande dos signos assírios era polífona»⁽¹⁶⁾.

Aqui «polífona» significava «de muitos significados», quer dizer, que uma grande parte dos signos cuneiformes podia ler-se de maneiras diferentes, segundo o contexto das frases.

Quando Rawlinson expôs esta sua teoria da «polifonia» desencadeou-se uma tormenta de indignação entre os sábios. Mas esta disputa foi anulada, do modo mais singular, pela Royal Asiatic Society de Londres.

Em 1857 encontrava-se um embrulho selado sobre a mesa de conferências da Royal Asiatic Society de Londres, a tradução de uma inscrição de Tiglat-Pileser, rei da Assíria, feita por W. H. Fox Talbot, acompanhado de uma carta onde se fazia a insólita afirmação de que o texto fora traduzido também por Rawlinson e Hincks – logo se somou também a estes o franco-alemão Julius Oppert –, e que estas traduções, feitas independentemente, foram entregues seladas, à Royal

Conclusão

A ressurreição do passado expandia-se a regiões cada vez mais vastas. E o campo de investigação dilatava-se no momento preciso em que os assiriólogos entravam na posse dos seus instrumentos de trabalho. A leitura dos textos já não colocava problemas de maior. Carl Bezold tinha completado o catálogo das tabuinhas de Quayundjik conservadas no Museu Britânico, e a direcção do Museu continuou a publicação, inaugurada pelos cinco volumes monumentais de Rawlinson, G. Smith, Th. G. Pinches e E. Norris. O dicionário de Fr. Delitzsch tinha sido publicado em 1896. Os estudos históricos, filológicos, religiosos, multiplicavam-se nas revistas novas como *Zeitschrift für Assyriologie* ou a *Revue d'Assyriologie*.

Apenas à arqueologia faltava ainda uma técnica científica. As escavações levadas a cabo por de Sarzec não tinham sido um modelo do género, e as que foram empreendidas pelos americanos em Nippur, a partir de 1889, caracterizavam-se por uma falta de método ainda mais radical. A viragem do século marcou uma importante mudança nesse domínio. Doravante, os exploradores vão proceder a levantamentos arqueológicos precisos, prestando atenção à estratificação dos sítios e particularmente à colocação exacta dos objectos descobertos.

Ia-se entretanto reconhecendo a necessidade de preparar científica e tecnicamente os arqueólogos. E assim, no fim do século XIX e início do XX, surgem escolas especializadas com o objectivo de preparar aqueles que se iriam dedicar à arqueologia⁽¹⁸⁾. Foram as escola do Cairo e de Atenas mas sobretudo as de Jerusalém: Palestine Exploration Found, de 1869; École Biblique et Archéologique Française, de 1892; Deutsche Orient-Gesellschaft, instalada na Palestina e na Mesopotâmia (escavações da Babilónia e de Assur), em 1899; American Schools of Oriental Research, de 1900; Deutsches Evangelisches Institut für Altertumskunde, de 1901.

Mau grado os infortúnios da erudição e dos delírios míticos⁽¹⁹⁾ foram estes os centros de formação que marcaram a passagem da arqueologia realizada pela intuição do amador para uma outra fase caracterizada por métodos e objectivos científicos⁽²⁰⁾. Todavia, não devemos esquecer que foi graças aos diplomatas, militares e viajantes dos séculos anteriores, e em particular do século XIX, que o Oriente se deu a conhecer ao mundo, em especial, ao Ocidente.

Notas

(1) A evolução da escrita da escrita aparece em alguma bibliografia traduzida em Português. Ver DAVID DIRINGER, *A Escrita*, Camarate, Editorial Verbo, 1985 e LUÍS MANUEL DE ARAÚJO (coord.), *A Escrita das Escritas*, Lisboa Fundação Portuguesa das Comunicações, 2001.

(2) Cf. JACK GOODY, *A lógica da escrita e a organização da sociedade*, Lisboa, edições 70 p. 68: «Tais registos também chegam até nós provenientes de palácios reais e mais tarde de transacções legais, vendas, arrendamentos e empréstimos, bem como de contratos de casamento, adopções, testemunhos e assim por diante.»

(3) Para uma visão global das descobertas arqueológicas deste período, ver C.W. CERAM, *En busca del Pasado. Historia Gráfica de la Arqueología*, Barcelona, Editorial Labor, 1961.

(4) Os viajantes contentavam-se em fazerem a prospecção na superfície dos *tells*. Um trabalho considerável e útil efectuado um tanto ao acaso. Sem remontar a Benjamim de Tudèle no século XII, nem mesmo a Pietro della Valle ou a Texier no século XVII, para apenas citar os mais conhecidos, não seria de omitir alguns dos viajantes cujas relações tiveram uma influência directa sobre o desenvolvimento da Assiriologia: K. Niebuhr, a quem se deve uma cópia das inscrições detalhadas do sítio de Ninive, no seguimento da viagem que ele efectuou de 1761 a 1767; o botânico A. Michaux, que descobriu em 1786 o primeiro grande monumento epigráfico babilónico, a famosa «Pedra Michaux», ao qual os sábios procuraram imediatamente dar uma tradução, com o sucesso que se pode imaginar; o abade J. de Beauchamp que visitou no mesmo ano o sítio de Babilónia.

(5) Ver C. W. CERAM, *Deuses Túmulos e Sábios. O Romance da Arqueologia*. Lisboa, Livros do Brasil, [s.d.], pp. 229-235.

(6) Uma visão crítica do orientalismo enquanto imagem produzida pelo Ocidente é patente em alguma literatura de cariz sociológico. Ver EDWARD SAÏD, *L' Orientalisme. L'Orient crée par l'occident.*, Paris, SEUIL, 1980.

(7) Ver C.W. CERAM, *En busca del Pasado. Historia Gráfica de la Arqueología*, Barcelona, Editorial Labor, 1961, pp. 221-248.

(8) A arte de escrever diferentes caracteres de letra.

(9) A representação das ideias por sons, que são a «imagem» sonora dos nomes dos objectos.

(10) Cf. GEORGE ROUX, *La Mésopotamie*, Paris, SEUIL, 1985, p. 39: «Commencé en 1802, le déchiffrement de l'assyrien et du babylonien (langues qu'on réunit maintenant sous le nom d'akkadien, mais les termes d'assyriologie et d'assyriologue sont restés) était considéré comme assuré dès 1847 et, vers 1900, l'autre langue de la Mésopotamie antique, le sumérien, était connue dans ses grandes lignes.»

(11) A explicação pormenorizada das características da escrita cuneiforme encontra-se em obras de história da escrita. Ver ANDREW ROBINSON, *The story of writing*, Londres, Thames & Hudson, 1995, pp. 78-90.

(12) Hoje podemos consultar as inscrições dos Persas Aqueménidas em edições anotadas. Ver PIERRE LECOQ, *Les inscriptions de la Perse Achéménide*, Paris, Gallimard, 1997.

(13) Também Grotefend, exactamente como o oficial inglês, tinha eleito para a decifração, de entre os três textos existentes, o que oferecia a melhor base, quer dizer, o texto na

antiga língua persa, a chamada classe I. Mas havia também as classes II e III. Tratava-se de um método comparativo e regressivo.

⁽¹⁴⁾ Cf. C.W. CERAM, *En busca del Pasado. Historia Gráfica da Arqueología*, p. 231.

⁽¹⁵⁾ *Ibid.*

⁽¹⁶⁾ *Ibid.*

⁽¹⁷⁾ Cf. D.O. EDZARD, «La royauté dans la Période Présargonique» em *Le Palais et la Royauté*, Paris, Geuthner, 1974, p. 149.

⁽¹⁸⁾ Cf. ANTÓNIO AUGUSTO TAVARES, «Novos rumos da História Antiga e da Arqueologia Oriental» em *Estudos da Alta Antiguidade*, Lisboa, Editorial Presença, 1983, p. 58.

⁽¹⁹⁾ O panbilonismo na Alemanha é um bom exemplo desse pensamento baseado no misticismo. Aproximaram-se complacentemente os sistemas cronológicos egípcios, hebraicos e gregos de uma religião babilónica astral arbitrariamente projectada no II milénio. Mas o triunfo da imaginação mítica aparecia provavelmente na obra de P. Jensen, *Das Gilgamesch-Epos in der Weltliteratur* publicado em 1906, onde o autor demonstrara com recurso a uma erudição considerável, que todos os mitos, e não apenas os dos povos semitas, mas também o dos da Índia, da Grécia, de Roma e de outros países ocidentais, derivavam do prototipo mesopotâmico. Ver PAUL GARELLI, *L'Assyriologie*, Paris, PUF, 1972, pp.25-27.

⁽²⁰⁾ As novas descobertas que iriam ter lugar com Robert Koldewey em Babilónia e Walter Andrae em Assur ou mesmo com H. Winckler em Boghazköy na Anatólia em 1906, marcaram uma nova etapa no reconhecimento do Próximo-Oriente que as escavações após a Primeira Guerra Mundial sedimentaram. Cf. GEORGE ROUX, *o. c.*, p. 39: «L'entrée en scène des Allemands, au tournant de ce siècle, marque le début d'une ère nouvelle dans la recherche archéologique. Robert Koldewey à Babylone (1899-1917) et Walter Andrae à Assur (1903-1914) introduisirent, en effet, des méthodes rigoureuses, voire méticuleuses, dans un domaine où avaient longtemps régné la chance, l'intuition et la hâte. La méthode allemand fut rapidement adptée par tous et c'est sans doute pendant les dix ans qui séparèrent de la Première Guerre mondiale et les vingt-deux ans qui séparèrent de la Seconde que l'archéologie mésopotamienne connut sa période la plus féconde en découvertes majeures.»